

# Mulheres da Música (Parte 3): Maria Callas – Por António Ferro

written by António Ferro | 6 de Março, 2024



É sem sombra de vacilação, a maior cantora lírica de todos os tempos. Conhecida como **La Divina**, um raríssimo caso de “*Soprano Absoluto*”. Desde o alcance do mezzo-soprano, até o soprano coloratura (é um tipo de soprano operático que possui a voz mais aguda de todas e é especializado em repertório, onde se necessita da sua agilidade, em saltos melódicos), a sua técnica de “*Bel Canto*”, a sua abrangência vocal e as suas peculiares interpretações (felizmente) registadas fonograficamente, sendo a primeira, a ópera *Macbeth de Verdi* – gravada em 1952, aliadas à sua extraordinária beleza, são o segredo e os componentes, da **Diva das Divas!**

As agruras financeiras de seus pais, levaram-na à **Grécia nos anos 30**, onde estudou canto no Conservatório de Atenas, com a emblemática soprano grega – Elvira de Hidalgo. Existem diferentes versões da sua **estreia profissional**, mas a que com **mais asserção, poderemos considerar, regista-se em 1947**, na Arena de Verona (Itália) com a ópera “*La Gioconda*” de Ponchielli, com direcção, daquele que futuramente seria o seu mentor, Tullio Serafin.

A sua capacidade de memorização e de interiorização de personagens, surpreende críticos e público quando na mesma semana, faz duas récitas alternadas, entre a “*I Puritani*” de Bellini e “*Die Walküre*” de Wagner. E em apenas dois dias, consegue preparar o papel de Elvira, substituindo Birgit Nilsson, na “*La Traviata*”.

A sua rivalidade, com a famosa Renata Tebaldi, nos anos 50, além de lhe ter proporcionado, concertos nos grandes teatros de ópera (La Scala, *Covent Garden* e *Metropolitan*), deu-lhe uma projecção enorme na imprensa escrita... Alguns críticos afirmavam que até nas gravadoras havia uma divisão, para acirrar as **disputas entre Callas e Tebaldi**, e para influenciar as comparações entre registos feitos por **Tebaldi ao lado do tenor Del Monaco**, e **Callas ao lado de Di Stefano**.

Depois de conhecer o magnata Aristóteles Onassis, **por volta de 1965, deu-se início à sua decadência e ao abandono dos palcos**. Parou de ensaiar, adiou e cancelou apresentações e passou a ser uma figura constante nas festas sociais, onde a bebida, veio ajudar ainda mais, ao declínio da sua voz...

O cineasta *Franco Zeffirelli*, encorajou-a a voltar aos palcos e fez provavelmente, a sua maior criação, na interpretação da “*Tosca*” no *Covent Garden*, contracenando com o tenor Tito Gobbi. Existe gravação em CD (completa) e em DVD (apenas o segundo acto), Imperdível!

**A sua última apresentação numa ópera completa, onde interpretou o papel de Norma, foi em Paris, mas a sua saúde muito debilitada não a deixou terminar a representação, desmaiando ao cair da cortina, no fim do terceiro acto.**

**A partir dos anos 70, dedicou-se ao ensino na *Juilliard School* e ainda fez um esforço enorme para voltar aos palcos, tendo realizado uma série de concertos pela Europa e Estados Unidos, embora tenha sido o Japão a assistir, à sua última apresentação ao vivo (11 de Novembro de 1974).**

O casamento de Onassis com Jacqueline Kennedy e a consequente morte do seu “amado”, levam-na a isolar-se do mundo, retirando-se para Paris, onde vive com a governanta e o motorista. O cineasta Franco Zefirelli, tenta novamente o seu regresso, mas falta-lhe a vontade, a satisfação, a paixão... Para evitar o “não”, começa a impor exigências absurdas, de forma a justificar a sua não participação. Há ainda uma tentativa de uma gravação da “Traviata” com Luciano Pavarotti, mas acaba por não se realizar... Acompanhada pelos últimos amigos (o maestro Giulini e o crítico John Ardoin), **morre no seu apartamento em Paris, no dia 16 de Setembro de 1977.** O mar Egeu recebeu as suas cinzas, como era de sua vontade.

**Maria Callas foi a mais controversa e a mais dedicada intérprete lírica, com uma voz de recursos únicos, que revolucionou, o mundo da Ópera. Para Callas a expressão vocal era primordial, em detrimento dos exageros vocais injustificados. Para ela, tudo na ópera tinha que fazer sentido, sempre com a preocupação da forma como o público sentia e reagia, tornando o libreto, em algo verdadeiramente receptível, adotável, permissível e apaixonante!!!**